



UMA ABORDAGEM REFERENTE À ESTÉTICA E SUA RELEVÂNCIA TERAPÊUTICA NA TEOLOGIA E NA MUSICOTERAPIA

A focus on the beauty and its relevance in therapy and theology in music therapy

Günter Otto Kasinger¹

Resumo:

Este artigo tem por finalidade apresentar um panorama referente à contribuição da experiência estética para o processo terapêutico na Musicoterapia e na Teologia. Primeiro busca-se apoio em algumas compreensões sobre o que é a estética e, em seguida, procura-se observar algumas possibilidades de aparecimento da experiência estética nas duas áreas em evidência; por fim, destaca-se como o conhecimento referente à experiência estética na Teologia e na Musicoterapia, pode beneficiar um/a ministro/a, um/a musicoterapeuta para assistir aquela pessoa que se encontra fragilizada. Assim como perceber em que aspectos as duas áreas estudadas podem convergir para a promoção de um processo terapêutico.

Palavras-chave:

Experiência Estética. Musicoterapia. Teologia. Processo Terapêutico. Música e Liturgia.

Abstract:

This article aims to provide an overview regarding the contribution of the aesthetic experience in the therapeutic process in music therapy and theology. First it seeks support for some insights about what aesthetics is and then we look for some possible appearance of the aesthetic experience in both areas being dealt with; finally, it is highlighted how the knowledge regarding the aesthetic experience in theology and music therapy can benefit a Minister, a music therapist to assist the person who is frail. Likewise it deals with perceiving in what aspects of the two areas studied can there be convergence to promote a therapeutic process.

Keywords:

Aesthetic Experience. Music Therapy. Theology. Therapeutic Process. Music and Liturgy.

¹ Bacharel em Musicoterapia. Mestrando em Teologia pelas Faculdades EST e Bolsista do CNPq. O presente artigo está relacionado com a pesquisa do mestrado acadêmico, a qual é orientada pelo Prof. Rodolfo Gaede Neto. Contato: gunterkasinger@hotmail.com

Introdução

Primeiramente, acredita-se ser prudente esclarecer o que se define por estética. Não é uma tarefa simples, no entanto, buscar-se-á explicar brevemente tal conceito.

A origem da palavra estética está no grego *aisthesis*, que pode ser entendida como a “percepção do mundo sensível ou a sensação”.² Por meio de Baumgarten é que a estética torna-se “*disciplina do conhecimento sensível*” (sec XVIII). Para ele, o conhecimento sensível seria o *belo*.

Em Kant há um conceito diferente de estética, que se dá a partir do juízo. O primeiro é o juízo *estético* ou de *gosto*, que está atrelado ao sentimento de prazer ou desprazer, por meio de um conhecimento imaginativo. O outro é o juízo *teleológico* em que a representação tem um objetivo, uma finalidade intelectual.³

Kant ainda entende que esteticidade pode não estar atrelada somente ao *belo*, contudo, também ao *sublime*. O *belo*, para Kant refere-se a um sentimento positivo, enquanto o *sublime* refere-se a um sentimento mais violento, “que inibe e incita as forças vitais, simultaneamente”.⁴ Um exemplo de um sentimento sublime poderia ser o de uma tempestade.

Em função das ideias de Kant a estética foi se desenvolvendo ao princípio de uma metafísica do belo, o que mais tarde será visível em Hegel. Para este há distinção entre o *belo artístico* e o *belo natural*. O primeiro é superior ao segundo, em função de que na compreensão de Hegel, o que provém do espírito é superior ao que há na natureza. Portanto, o que é produzido pelo espírito.⁵

Assim na arte⁶ se encontram a manifestação de elementos Supremos. Nela está o canal em que o belo metafísico pode se manifestar.⁷

Segundo Kirchof, a esteticidade conforme é notada em Eco, “se manifesta através da interpretação crítica de signos destinados, de um lado, a excitar as emoções do receptor e, de outro, a apresentar muitas possibilidades interpretativas, frequentemente ambíguas e conflitantes”.⁸ Portanto para Kirchof, a estética deve ser a disciplina que estuda a esteticidade, não sendo assim, reduzida apenas como teoria da percepção, ou do belo, ou da arte.⁹

Realmente não há uma definição convencional de estética. Existem diversas compreensões e teorias sobre esta. Contudo, para este trabalho considera-se relevante a experiência estética como experiência diante do belo e do sublime, assim como a capacidade da experiência frente a uma obra de arte possibilitar a expressão de conteúdos infinitos, supremos concernentes ao espírito e ao que dele é produzido, não somente como contemplação, mas também experiência estética como criação.

² KIRCHOF, Edgar Roberto. *Estética e semiótica: de Baumgarten e Kant a Umberto Eco*. Porto Alegre, RS: EDIPUCRS, 2003. p. 27.

³ KIRCHOF, 2003, p. 31.

⁴ KIRCHOF, 2003, p. 32.

⁵ KIRCHOF, 2003, p. 34.

⁶ Para Hegel, a disciplina estética é definida como *filosofia da arte*. KIRCHOF, 2003. p. 35.

⁷ KIRCHOF, 2003, p. 35.

⁸ KIRCHOF, 2003, p. 262.

⁹ KIRCHOF, 2003, p. 259.

De igual forma, a concepção oriunda de Eco nos fornece subsídios para que a experiência estética se manifeste diante da interpretação de signos, a qual possibilita que se seja atingido no nível das emoções e ao mesmo tempo sejam evocadas diferentes interpretações. Reforçando a ideia de que a experiência estética é única para cada ser.

Estética na Musicoterapia

A Musicoterapia conta com uma particularidade para desenvolver um processo terapêutico: a música. Ela tem uma linguagem própria, frente à qual são encontradas três posições estéticas, como menciona Ruud: “a música como estímulo discriminativo, como uma linguagem das emoções e a música como comunicação”.¹⁰

Na primeira, o paciente é submetido a estímulos vindos da música. São estes: “frequência (altura), amplitude (intensidade) e complexidade (timbre)”.¹¹ Está evidente uma aplicação behaviorista da Musicoterapia, que o próprio autor desqualifica em função de não se ter estudos que possibilitem encontrar evidências suficientes para corroborar o fato de existir expressão e comunicação na música, ao menos nesta abordagem.

Quanto à segunda posição, acredita-se que a música possa expressar emoções. Encontra-se sob este aspecto uma abordagem humanista, em que a música é um veículo que transmite informações acerca das emoções. Com relação a esta posição, o autor alerta para que se tenha o cuidado de não tornar as informações pura metafísica. O que, segundo ele, seria uma falsificação de tais informações.

Como última posição trazida por Ruud, a música tem a função de ser um canal de comunicação entre o paciente e o terapeuta. Como ele mesmo escreve “uma situação comunicativa”.

Neste ponto cabe ressaltar a linguagem não verbal da música. Ela cria uma situação comunicativa capaz de ligar um ser humano, não somente com o outro, mas também com o transcendente. Segundo Kratochvil, a música possibilita contato *intrapessoal e transcendental*.¹²

A música, como não é uma linguagem verbal, tem livre passagem até o inconsciente dos pacientes atravessando por quaisquer eventuais empecilhos que a linguagem verbal pudesse apresentar. “O terapeuta dialoga com o paciente não pela palavra, mas por meio de operações concretas, verdadeiros ritos, que atravessam a tela da consciência [...]”¹³

Safra, no seu livro *A face estética do Self*, relata sua experiência com um paciente autista. Após muitas tentativas de acessar o paciente, o psicanalista percebeu uma melodia na frase de seu analisando que era diferente da fala do analista, sendo que não se caracterizava por uma mera repetição, mas uma criação. Esta criação quando percebida e devolvida ao paciente passou a ter

¹⁰ RUUD, Even. *Caminhos da Musicoterapia*. São Paulo: Summus, 1990. p.87.

¹¹ RUUD, 1990, p.88.

¹² KRATOCHVIL, Ruth. Espiritualidade e arte: a musicoterapia como possibilidade de ressignificação da existência. In: NOÉ, Sidnei Vilmar; DITTRICH, Maria Glória; NOGUEIRA, Sandra Vidal; Simpósio de aconselhamento e psicologia pastoral. *Espiritualidade e saúde: da cura d'almas ao cuidado integral*. São Leopoldo: Escola Superior de Teologia, Sinodal, 2004. p. 33

¹³ SAFRA, Gilberto. *A face estética do self: teoria e clínica*. Aparecida, SP: Idéias e Letras; São Paulo: Unimarco, 2005. p. 22.

uma significação. Assim por meio da melodia e de sons foi possível o estabelecimento de uma intervenção que levou à organização do paciente.¹⁴

O ocorrido, conforme Safra, foi uma experiência estética. O que também se torna relevante neste relato diz respeito ao uso de elementos da música, que graças à percepção do psicanalista, conseguiu chegar até seu analisando por meio de uma linguagem não verbal que ainda lhe proporcionou uma experiência de beleza pelas melodias criadas. Como autista, o ganho para o paciente começa no momento em que ele reconhece o outro e toma consciência de si mesmo.

Esta posição estética da música tem o poder de alcançar o ser num nível tão profundo que reforça, nos seres relacionais, o contato consigo mesmo, com o semelhante e com o divino.

O contato consigo mesmo e com o outro pode auxiliar a quem está fragilizado, dando um grande passo no processo terapêutico. Com relação ao transcendente será abordado mais adiante ao se entrar no âmbito da experiência estética na Teologia.

Outro autor que aborda as questões de estética na Musicoterapia é Kenneth Bruscia, para o qual a Musicoterapia é:

[...] uma instituição humana na qual os indivíduos criam significação e belezas através do som, utilizando as artes da composição, da improvisação, da apresentação e da audição. A significação e a beleza derivam-se das relações intrínsecas criadas entre os próprios sons e das relações extrínsecas criadas entre os sons e outras formas de experiência humana. Como tal a significação e a beleza podem ser encontradas na música propriamente dita (isto é, no objeto ou produto), no ato de criar e experimentar a música (isto é, no processo), no músico (isto é, na pessoa) e no universo.¹⁵

Diante desta definição fica claro que a música tem o poder de ser terapêutica por si só. Ela é arte. A experiência estética pode ser obtida pelo fazer música. Compor, cantar, executar, ou ouvir.

Diante da música se tem a experiência de uma linguagem simbólica, atrelada a processos primários do pensamento. Eles habitam no inconsciente. Semelhante ao sonho, a experiência da audição musical, por exemplo, não diz respeito à ordem cronológica dos eventos. Ela nos situa num “presente” que não está necessariamente ligado a um passado ou um futuro.¹⁶

Em seu livro *Sentimento e Forma*, Susanne Langer escreve sobre o “tempo virtual”. Embora Ruud não mencione este termo, é perceptível que ali está um tempo virtual. Uma brecha, um recorte feito no tempo real e espaço real possibilitado, acredita-se, pela experiência estética oriunda da música.¹⁷

A música, assim como acontece com os sonhos, nos possibilita vivenciar “imagens ou sentimentos complexos”.¹⁸ A experiência diante da música promove “conexão entre o sensorial, o intelectual e o volitivo; entre a alma e o corpo; e entre a arte e a ciência”.¹⁹

¹⁴ SAFRA, 2005, p. 33-41.

¹⁵ BRUSCIA, Kenneth E. *Definindo musicoterapia*. 2. ed. Rio de Janeiro: Enelivros, 2000. p. 111

¹⁶ RUUD, 1990, p.89.

¹⁷ LANGER, Susanne K. *Sentimento e forma: uma teoria da arte desenvolvida a partir de Filosofia em nova chave*. 2. reimpressão São Paulo: Perspectiva, 2006, p. 116.

¹⁸ RUUD, 1990, p.90.

¹⁹ TORO, Mariano Betés de. *Fundamentos de musicoterapia*. Madrid: Ediciones Morata, 2000. p. 230.

Com base na citação acima, acredita-se que a experiência estética em música não fica somente vinculada à reação de êxtase, como se habitasse o universo metafísico. Mas que atinge o ser humano de forma integral envolvendo as dimensões mente, alma e corpo.

Temos clareza que o conceito de beleza não é exatamente o mesmo para todos. De igual forma é pouco provável que exista uma única música capaz de fazer com que todos os pacientes passem por uma experiência estética. Por conta disto leva-se em consideração a individualidade, o gosto de cada paciente.

Quanto ao musicoterapeuta, este precisa ter razoável conhecimento musical; não se espera que a produção do paciente seja condizente a de um grande músico, pelo contrário, dificilmente se encontrará pacientes com considerável conhecimento musical, no entanto, o musicoterapeuta precisa ser capaz de fazer com que a música e as atividades musicais na sessão sejam de boa qualidade. Do contrário, estaria perdendo um elemento terapêutico que é intrínseco à música: sua estética.

Acerca deste fator terapêutico intrínseco na música, Bruscia faz lembrar que a música é arte e que a arte é terapia.²⁰ Assim, fica claro que a música enquanto arte é capaz de proporcionar experiência estética. É terapêutica, porém, não é Musicoterapia.

Por outro lado, quando o musicoterapeuta está ciente do poder que a música com sua beleza proporciona, tem a seu favor mais uma ferramenta na promoção do processo terapêutico.

Agora, seria pertinente chamar a atenção para o fato de que se acredita que na experiência com o belo há alguma forma de prazer. Quando uma pessoa procura a terapia provavelmente precisará “vasculhar” e entrar em contato com realidades que nem sempre são agradáveis; contudo, Clarice Moura²¹ nos chama a atenção para o fato de que a Musicoterapia pode ser capaz de promover mudanças benéficas de forma prazerosa. O fazer musical, bem como as atividades musicais podem ser realizadas pelo paciente e terapeuta de forma prazerosa. Certamente é neste aspecto que também se enquadra a experiência estética como experiência de prazer.

Estética na Teologia

Quando se pensa em estética é possível que rapidamente se remeta ao belo, conforme a ideia de Kant, para o qual a estética está atrelada à ciência daquilo que causa na pessoa sentimento de beleza ou sublimidade.²²

O belo tem um papel muito relevante dentro do contexto da Teologia e que certamente possui, se pararmos para pensar, um papel terapêutico importante. Que papel seria este?

Em seu livro *O enigma da religião*²³, Rubem Alves fala da experiência estética para elucidar o proposto problema acerca do que é a religião. Segundo ele, se é capaz de sentir o belo, mas não se consegue com palavras descrever, ao menos plenamente, o que foi este sentimento.

²⁰ BRUSCIA, 2000, p. 156.

²¹ COSTA, Clarice Moura. *O despertar para o outro: musicoterapia*. São Paulo: Summus, 1989. p. 73.

²² RIBEIRO, Carla Pinhel. *Experiência estética em pontos de cultura*. Disponível em: <<http://www.funarte.gov.br/encontro/wp-content/uploads/2011/08/karla-texto-encontro-politicas-funarte.pdf>>. Acesso em: 10 jul. 2013, p. 1.

²³ ALVES, Rubem. *O enigma da religião*. 6. ed. Campinas: Papyrus, 2007. p.37-38.

Alves compara experiência religiosa à experiência estética. Sobrevém a questão: será que a experiência religiosa não é, por vezes, uma experiência estética? A religião não seria uma forma de arte que o ser humano concebeu?

Por hora configura-se como prudência não dizer que uma é outra e outra é uma. Mas, sim, afirmar que nas religiões há experiências estéticas e, tomando por referência Paul Tillich, considerar que as experiências oriundas do meio não explicitamente religioso podem ser religiosas. Referente a isto Calvani demonstra quatro tipos de relação entre religião e arte que há na visão de Tillich. 1. *Estilo não religioso e tema não religioso*; 2. *Estilo religioso e tema não religioso*; 3. *Tema religioso em estilo não religioso*; 4. *Estilo religioso e tema religioso unidos*.²⁴

Entretanto, tendo como alicerce a afirmação de Clinebell em que muitos, senão a fonte de todos os problemas humanos, estão relacionados a aspectos religiosos existenciais²⁵, teríamos uma possibilidade terapêutica na experiência estética que pode ser religiosa.

A religião, em última instância, tem sua extrema importância ao possibilitar que o ser humano diga à consciência de sua finitude que a morte não é o fim. Então a experiência estética dentro de uma experiência religiosa apresenta ou lembra ao ser humano que há uma continuidade.

Muito foi e é produzido em termos de arte, que remete a uma experiência estética. Vive-se rodeado de exemplos de pinturas e canções que não são explicitamente religiosas, mas que carregam consigo uma dimensão de profundidade, conforme é esclarecido por Paul Tillich ao referir que a religião é a dimensão da profundidade do ser humano e que a mesma está atrelada a “elementos supremos, infinitos e incondicionados da vida espiritual”.²⁶

Calvani em “*Teologia e MPB*” aborda justamente a relação entre cultura, Teologia e arte. Ele expõe, com base em Tillich, que a estética “é o choque provocado por uma obra de arte no sujeito que se depara sensorialmente com ela”.²⁷ É relevante lembrar que o belo também está no trágico.

Diante de uma obra que retrate a “Paixão de Cristo”, por exemplo. Certamente uma imagem de violência e crueldade, mas que segundo mostra Calvani, é neste choque que está o grande valor estético. É um “choque revelatório”.²⁸

O choque revelatório é indubitavelmente um fator importante trazido por Calvani. Fundamentado em Tillich, ele afirma que quando há uma revelação, há um evento salvífico. Isto é de suma importância em uma pessoa que está frente a conflitos existenciais, que o sentido da vida está se perdendo ou foi perdido.

Novamente por meio da estética, na compreensão de Tillich, temos uma possibilidade terapêutica na medida em que:

Todo aquele que é abalado por um choque revelatório – uma experiência religiosa ou estética – reconhece a enorme distância que o separa da fonte de sentido e

²⁴ CALVANI, Carlos Eduardo Brandão. *Teologia e MPB: um estudo a partir da Teologia da Cultura de Paul Tillich*. São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, 1998. p. 96-101.

²⁵ CLINEBELL, Howard J. *Aconselhamento pastoral: modelo centrado em libertação e crescimento*. 4. ed. São Leopoldo: EST, Sinodal, 2007. p. 102-106.

²⁶ TILLICH, Paul; PINHEIRO, Jorge. *Teologia da cultura*. São Paulo: Fonte Editorial, 2009. p. 44.

²⁷ CALVANI, 1998, p. 81.

²⁸ CALVANI, 1998, p. 86

paradoxalmente vivencia a graça de superar essa alienação e experimentar um momento inesquecível de beleza, santidade, acolhimento, amor e aceitação.²⁹

A partir das exposições feitas até aqui, está claro um dado relevante: o que diz respeito ao fato de experiência estética ser um meio de aproximação do divino.

Ribeiro, ao conceituar estética sob a ótica de Hegel, afirma que este vincula estética à “verdade do espírito, do princípio divino”.³⁰ Ou seja, a experiência estética trabalha na ordem do espiritual.

Maraschin corrobora com o fato de que a estética enquanto disciplina está mais voltada ao mistério do que à ciência. A estética está relacionada à experiência com o sagrado.³¹

Uma pessoa consegue, diante de uma obra de arte, ter uma experiência estética que possibilita comunicação sua para com o divino e dele para com ela. Pode-se afirmar isto com base no que foi exposto sobre a Revelação. Se Deus se revela, Ele permite que seja tomado um determinado conhecimento a seu respeito.

Balthasar desenvolve uma compreensão de *estética teológica*, também menciona a revelação e afirma que a experiência estética é experiência cristã, segundo a qual, a forma de Cristo se enquadra como obra de arte divina, em que Deus se torna visível em Cristo por meio da fé.

Diante do belo – aliás, não propriamente diante dele, mas nele – é o homem todo que vibra. Ele encontra a beleza não só agarrando-a, mas experimenta, antes, a si mesmo como agarrado e tomado como posse por ela.³²

Deus se revela e, de certo modo, se comunica com os seres humanos; em contrapartida, pode-se, por exemplo, através de uma poesia, oração ou música, expressar aquilo que se quer ao do divino. Ainda que tais obras não sejam de autoria da pessoa, é possível que esta tome para si ou compartilhe de semelhante experiência para poder se expressar pela criação do outro.

Estabelece-se, então, uma via de mão dupla, na qual a arte, a experiência estética são *médiuns* pelos quais o divino se contata à pessoa e está se contata ao divino.

Estética no culto cristão

Tomando como referência a igreja cristã, a celebração poderia ser uma experiência “estético-religiosa” começando pelo espaço de culto. Sua arquitetura e seus adornos. Em seguida, pelas canções, como são escolhidas e preparadas para cada momento da liturgia. Sem que seja esquecida a homilia, a qual poderia expressar o belo não somente pelo conteúdo, mas pela maneira como este é transmitido, envolvendo também a capacidade artística e interpretativa do

²⁹ CALVANI, 1998, p. 86.

³⁰ RIBEIRO, Carla Pinhel. *Experiência estética em pontos de cultura*. Disponível em: <<http://www.funarte.gov.br/encontro/wp-content/uploads/2011/08/karla-texto-encontro-politicas-funarte.pdf>>. Acesso em: 10 jul. 2013, p. 1.

³¹ MARASCHIN, Jaci C. *Da leveza e da beleza: liturgia na pós-modernidade*. São Paulo, SP: ASTE, 2010. p. 64.

³² BALTHASAR, Hans Urs Von apud GIBELINE, Rosino. *A teologia do século XX*. São Paulo: Loyola, 1998. p. 243.

orador. A respeito disto escreve Maraschin: “o que importa, no entanto, não é primeiramente o uso da arte na liturgia, mas a transformação da liturgia em uma obra de arte”.³³

Maraschin faz a crítica de que o mundo pós-moderno está interessado em velocidade. Deixa de lado o caráter contemplativo que exige tempo e paciência. Para apreciar uma obra de arte é preciso “pausas, silêncios e meditação”.³⁴

A liturgia pode ser uma obra de arte, estética; pode evocar a sensibilidade nas pessoas que participam da celebração, mas para tanto se faz de grande relevância os olhos e ouvidos atentos de quem prepara e organiza a liturgia, com a finalidade de que esse possa perceber a realidade das pessoas que irão à celebração. Se um evento estético, que neste caso seria liturgia, não conseguir passar nenhuma informação para os participantes, então se corre o risco de perder a dimensão do seu caráter terapêutico; à medida que determinado evento não seja coerente à realidade das pessoas que dele participam.

Neste aspecto, está-se de acordo com Garcia quando afirma que: “A liturgia, se quer comunicar bem, precisa ouvir os anseios das pessoas, seus desejos profundos, sua vida”.³⁵ É nesta dimensão é que a experiência estética permite acesso.

Acredita-se ser de comum acordo que muitos procuram espaços sagrados e de adoração em função de encontrar respostas, consolo, conforto, comunhão, enfim, sentido para suas vidas. Tais anseios podem ser apaziguados na medida em que se consiga entrar em contato com o transcendente que, acredita-se, pode ser feito pela experiência estética.

Quando se vai para uma celebração, em especial à celebração do culto cristão, busca-se sair do local “modificado de alguma maneira”, ou seja, a celebração armada com a estética precisa mexer com o indivíduo, seja para animá-lo, para levá-lo a uma catarse, ou inquietá-lo para que possa refletir sobre sua vida e seu agir, a fim de que tenha no espaço sagrado um lugar terapêutico de renovação das forças.

Por este motivo, a liturgia deve ser estética. Quando o rito que acompanha a celebração litúrgica tem consigo a relação com o íntimo, com o belo, pode estar trabalhando objetivos terapêuticos como identidade, na medida em que se estabelece a relação de acolhimento mútuo entre os participantes com abraços, apertos de mãos, enfim, o contato humano. A sociedade apresenta-se com uma face cada vez mais individualista e gélida, a qual pode ser burlada, ao menos por alguns instantes, pela liturgia em que se pode e deve ter a beleza do rito do cumprimento com o seu calor, o seu *toque*, o seu *contato*.³⁶

No momento da eucaristia se tem o caráter terapêutico da experiência estética não somente pela comunhão, mas também pela libertação da culpa no momento em que se compreende que a eucaristia adquire a função de rememoração da morte de Cristo como evento remissor dos pecados (Mt 26.28).

De igual forma, quando no batismo, mesmo não sendo o do próprio membro, este tem a oportunidade de contemplar a beleza daquele rito que poderia estar remetendo à lembrança de

³³ MARASCHIN, 2010, p. 67.

³⁴ MARASCHIN, 2010, p. 65.

³⁵ GARCIA, Lusmarina Campos. *Celebrar com arte, emoção e compromisso* - uma tentativa de resposta à questão: como trazer de volta a beleza e a arte para dentro das nossas celebrações litúrgicas? Disponível em: <<http://periodicos.est.edu.br/tear>>. Acesso em 10 jul. 2013, p. 26.

³⁶ Exemplos retirados de BUYST, Ione. *Celebrar com símbolos*. São Paulo, SP: Paulinas, 2001. p. 33.

também ser o espectador/participante valioso, por saber que pela fé é filho de Deus e por isto não é somente mais uma pessoa no mundo, mas um ser humano importante.

O terapêutico está em reforçar a autoestima. Conforme expõe Kirst, existe um equilíbrio que envolve a concepção dos significados do batismo no Novo Testamento, entre eles “a) o perdão dos pecados; b) a união com Cristo; c) a recepção do Espírito Santo; d) a incorporação à igreja que é o corpo de Cristo; e) o renascimento”.³⁷

Fica a pergunta de como o/a ministro/a pode realizar o mencionado sacramento de uma forma que pela experiência da beleza contida neste rito se tenha acesso novamente aos significados das afirmações anteriormente citadas.

Certamente alguém mencionará que é possível ter acesso ao terapêutico contido nos ritos das celebrações litúrgicas sem necessariamente depender da estética. O que é verdade. Contudo, a experiência estética permite experimentar do sagrado nas celebrações de uma forma que, em geral, vem a ser mais prazerosa, capaz de atingir o ser humano em *profundidade*.

Não se sugere cair na ilusão de dizer que toda celebração seja, ou deva ser uma avalanche de experiências estéticas, assim como também não se quer afirmar que ela se restrinja a isto. De forma alguma. Mas que se tenha a consciência de que as religiões, em especial a tradição cristã, possuem “mídias” capazes de fazer com que seus fiéis possam fazer experiência com o divino. Estar em contato com Ele.

O valor terapêutico contido nesta experiência certamente foge ao controle, não pode ser mensurado. É poder experimentar do transcendente e perceber que a finitude não mais precisa ser um motivo de angústia. Que diante da culpa se pode ter o perdão. Na tradição cristã soma-se o fato de que pela experiência estética nos é possível contatar um Deus que nos acolhe, aceita como filhos, que se põe ao nosso lado, mostra que também sofreu, mas venceu uma das principais angústias da humanidade – a morte - pela ressurreição.

Conclusão

Conclui-se, a partir do exposto, que tanto a Musicoterapia quanto a Teologia possuem, na experiência estética, um valioso recurso terapêutico. Ambas percebem que possuem meios que conduzem à experiência do belo e podem trabalhar juntas para auxiliar a quem, eventualmente, se encontre fragilizado. E que, em última análise, o processo terapêutico permitido pela experiência estética esteja atrelado ao fato de se conseguir acessar a faceta espiritual do ser humano, permitindo a ele experimentar da *revelação*, do *mistério*, do *sagrado*.

Conseguir acessar um canal de comunicação com o transcendente, por meio da fé, na qual se pode recordar o valor do ser humano como filho de Deus e ter um consolo frente à angústia da mortalidade, entre outras preocupações que diariamente se apresentam.

A Musicoterapia com a sua linguagem musical atinge a pessoa no nível das emoções e sua forma específica de comunicar as aproxima do transcendente graças ao fator da estética que a ela é intrínseco.

Do mesmo modo, a Teologia carrega consigo a ferramenta terapêutica da estética. Destaca-se neste trabalho o que diz respeito à arte contida na celebração de um culto, na riqueza

³⁷ KIRST, Nelson. Batismo, fundamentos e balizas para a prática da iniciação cristã. In: WACHHOLZ, Wilhelm (Coord). *Batismo, teologia e prática*. São Leopoldo: EST, 2006. p. 110.

e beleza dos significados da liturgia e dos ritos que nela atuam para potencializar a experiência com o inefável.

Tem-se consciência de que este é apenas um pequeno levantamento sobre poder da experiência estética encerrada nas áreas da Teologia e da Musicoterapia. Certamente há muito para ser descoberto e aprofundado com a realização de mais pesquisas neste campo denominado experiência estética.

Referências

ALVES, Rubem. *O enigma da religião*. 6. ed. Campinas: Papirus, 2007.

BRUSCIA, Kenneth E. *Definindo musicoterapia*. 2. ed. Rio de Janeiro: Enelivros, 2000.

CALVANI, Carlos Eduardo Brandão. *Teologia e MPB: um estudo a partir da Teologia da Cultura de Paul Tillich*. São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, 1998.

CLINEBELL, Howard J. *Aconselhamento pastoral: modelo centrado em libertação e crescimento*. 4. ed. São Leopoldo: EST, Sinodal, 2007.

COSTA, Clarice Moura. *O despertar para o outro: Musicoterapia*. São Paulo: Summus, 1989.

GARCIA, Lusmarina Campos. *Celebrar com arte, emoção e compromisso - uma tentativa de resposta à questão: como trazer de volta a beleza e a arte para dentro das nossas celebrações litúrgicas?* Disponível em: <<http://periodicos.est.edu.br/tear>>. Acesso em: 10 jul. 2013.

GIBELINE, Rosino. *A teologia do século XX*. São Paulo: Loyola, 1998.

KIRCHOF, Edgar Roberto. *Estética e semiótica: de Baumgarten e Kant a Umberto Eco*. Porto Alegre, RS: EDIPUCRS, 2003.

KIRST, Nelson. Batismo, fundamentos e balizas para a prática da iniciação cristã. In: WACHHOLZ, Wilhelm (Coord). *Batismo, teologia e prática*. São Leopoldo: EST, 2006.

KRATOCHVIL, Ruth. Espiritualidade e arte: a Musicoterapia como possibilidade de ressignificação da existência. In: NOÉ, Sidnei Vilmar; DITTRICH, Maria Glória; NOGUEIRA, Sandra Vidal; Simpósio de aconselhamento e psicologia pastoral. *Espiritualidade e saúde: da cura d'almas ao cuidado integral*. São Leopoldo: Escola Superior de Teologia, Sinodal, 2004.

LANGER, Susanne K. *Sentimento e forma: uma teoria da arte desenvolvida a partir de Filosofia em nova chave*. 2. reimpressão São Paulo: Perspectiva, 2006.

MARASCHIN, Jaci C. *Da leveza e da beleza: liturgia na pós-modernidade*. São Paulo, SP: ASTE, 2010.

RIBEIRO, Carla Pinhel. *Experiência estética em pontos de cultura*. Disponível em: <<http://www.funarte.gov.br/encontro/wp-content/uploads/2011/08/karla-texto-encontro-politicas-funarte.pdf>>. Acesso em: 10 jul. 2013.

RUUD, Even. *Caminhos da Musicoterapia*. São Paulo: Summus, 1990.

SAFRA, Gilberto. *A face estética do self: teoria e clínica*. Aparecida, SP: Idéias e Letras; São Paulo: Unimarco, 2005.

SOURIAU, Etienne. *Chaves da estética*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1973.

TILLICH, Paul; PINHEIRO, Jorge. *Teologia da cultura*. São Paulo: Fonte Editorial, 2009.

TORO, Mariano Betés de. *Fundamentos de Musicoterapia*. Madrid: Ediciones Morata, 2000.